



HISTÓRIA ORAL COMUNITÁRIA - DO PROCEDIMENTO PRAGMÁTICO AO ENCONTRO DAS NARRATIVAS NO RECONHECIMENTO ONTOLÓGICO

Renato da Silva¹
Fábia de Castro Lemos²

Resumo: A presente proposta de reflexão encontrou motivação ante a necessidade que captura o pesquisador em seu trabalho de campo, notadamente quando precisa definir o caminho pragmático e metodológico para designação de procedimentos que possibilitem a construção de seu estudo. No entanto, não pretendemos dar propor discussão eminentemente teórica a nossa reflexão, isso porque buscaremos refletir acerca de um caminho ambivalente, que por um lado, lance mão de elementos procedimentais que possa suportar o processo cognitivo voltado a investigações sociais e em outra via, que tenham por objetivo o reconhecimento de identidades, notadamente em questões que orbitem na esfera do gênero entre outras demandas que versem sobre o arcabouço de práticas, saberes e narrativas produzidos por grupos sociais, que ainda buscam seu espaço e reconhecimento identitário, o que implica na postura de pesquisadores mais humanizados e menos racionalizados, que por um lado possam desenvolver uma pesquisa objetiva, mas impactante quiçá transformadora para o segmento ou para a comunidade estudada, na perspectiva da transmutação integral, onde o objeto de estudo se reconstrói e se apresenta como agente colaborador da pesquisa, receptor e beneficiário do produto pesquisado onde o processo de entrega ao grupo consolida a co-labor-ação na valorização das narrativas, na contribuição de novas reflexões convergindo ao reconhecimento das vozes e de suas identidades.

Palavras-chave: história oral, procedimento metodológico, narrativas, identidades.

Abstract: The proposed reflection found motivation against the need to capture the researcher in his field of work, especially when you need to define the pragmatic and methodological approach for assignment procedures that allow the construction of their study. However, we do not intend to propose eminently theoretical discussion our thinking, because it will seek to reflect on an ambivalent way, on the one hand, throw hand of procedural elements that can support the cognitive process geared to social research and otherwise, that have as their objective the recognition of identities, particularly on issues that orbit in the gender sphere among other demands that deal with the framework of practices, knowledge and narratives produced by social groups that still seek their space for identity recognition, which implies the posture more humanized and less streamlined researchers, on the one hand to develop a objective research, but perhaps shocking transformation for the segment or the community studied, in order fully transmutation, where the object of study is reconstructed and is presented as cooperating partner research, receiver and beneficiary of the product

¹ Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da UNIGRANRIO.

² Doutoranda em Humanidades, Cultura e Arte (PPGHCA/Unigranrio), Mestre em Educação Profissional em Saúde (Fiocruz).



researched where the delivery process to the group consolidates co-labor action in the valuation of the narratives, the contribution of new reflections converging the recognition of voices and their identities.

Keywords: oral history, methodological procedures, narratives, identities.

INTRODUÇÃO

A busca pela adequação da produção do conhecimento com a realidade, implica na decodificação de saberes codificados, no movimento de desconstruir para então reconstruir o objeto observado, o que permeou o olhar crítico da história, responsável pela geração de novos saberes a partir do diagnóstico do tempo presente, e a partir da história do tempo presente, revertemos a história, para (re)construí-la, gerando assim reflexões, conhecimentos e saberes, não só reproduzindo conhecimento, mas propondo outras reflexões no espaço do olhar crítico, no exercício de rupturas epistemológicas.

351

Nessa perspectiva, emergem questões como “o que se faz com o conhecimento que busca-se produzir?” a humanização do conhecimento propugna a verificação de papéis individuais na sociedade, cotejando o trajeto do indivíduo para proposições e reconhecimento de sua diversidade, e para além disso, o retorno e ratificação da leitura realizada pelo pesquisador, devolvida (ao) e aprovada (pelo) sujeito de pesquisa, senso esses reais agente(s) colaborador(es).

O espaço então valorizado na busca do conhecimento passa a ser aquele que, tanto a ciência como a epistemologia racionalista não dá conta e refuta sob o fundamento de ausência de critério metodológico exato, ou incontrolável e subjetivo, emergindo assim uma problemática de demarcação epistemológica, no embate entre a lógica da apreciação que marca elementos normativo-filosófico e a lógica do saber, que orbita no campo da explicação das mudanças e seus fundamentos, arrimada na psicologia social da descoberta (Lakatos, 1978).

Mediando esse embate, consolida-se a ciência do acolhimento da voz alheia, onde a narrativa do outro é importante, porque integra a história do sujeito em si e sua relação social, e portanto, todas as deformações, arranjos, mentiras tudo interessa como elemento humanizador que compõe, integra, forma e movimenta a existência do



indivíduo e sua relação com grupo social, onde a contribuição a esse caminho procedimental se dá a medida em que as diversidades do outro é valorizada, elevando a sua importância na atuação do cenário social como agente transformador e integrador da realidade, senão por outro lado, possibilitando eco as narrativas o que pode colaborar para novas reflexões (Caldas, 1999).

A valorização das narrativas pode conduzir a compreensão de que a História Oral, como assevera Meihy (2014), se apresenta como instituto de tamanha envergadura que se mantém em si, possibilitando ocupação matizada tanto conquanto *ferramenta, ou técnica, como método ou forma de saber e também como disciplina* e para muito além disso, como princípio ontológico de formação e reconhecimento humano, o que destarte, buscaremos defender numa breve digressão, demonstrando assim que se concebida de forma adequada, a História Oral, em sua potencialidade mínima permite instrumentalizar procedimentos e em sua plena potencialidade possibilita a (re)significação e (re) conhecimento de identidades, demonstrando assim seu dinamismo vigoroso ao fortalecimento de lutas sociais emancipatórias em torno dos movimentos de empoderamento humano-social, realizando por princípio uma epistemologia ontológica.

No entanto, não garantimos que a História Oral possa ter encadeamento imediato, embora seu encadeamento seja garantido subjetivamente, e como todo “projeto” pode ter efeitos de aplicação de longo prazo, e não podemos esquecer que toda narrativa que contribua a novas reflexões, num universo interdisciplinar, tem seu encadeamento garantido na “colaboração” a novas descobertas e pensamentos, o que também ocorre em se tratando da análise individualista, senão no momento da entrevista entendido como ato de acolhimento da fala do outro, imprimindo importância a fala individual, o que por si, já propõe um encadeamento senão individual ou coletivo, quando a narrativa produz reverberação no fato social em análise.

Nesse sentido, a subjetividade que permeia as Ciências Humanas, se apresenta como instrumento hábil de produção multiformes social, constituindo um *locus* objetivo de fenômenos e práticas que se desenham e espelham através de múltiplas determinações e construções, sejam cultural nas práticas profissionais, conjugando, nos códigos da oralidade e subjetividade da vida cotidiana elementos que, cotejados de



forma objetiva e metodológica, podem revelar uma ordem ontológica principiologicamente, que se funda no próprio *fazer* na *práxis do viver*.

Nessa esteira, outros embates se apresentam os quais se prestam a organizar o pensamento, mormente o da história objetiva, apoiado na escrita em face da suposta subjetividade que carregam as teias narrativas e a construção do pensamento, marcando o encontro conturbado entre a escrita e a oralidade, no que não pretendemos nos aprofundar no momento, mas advogar em favor de uma epistemologia ontológica concebida como fonte principiologicamente de reconhecimento humano fundamentado nos elementos de História Oral, que surge com caráter duplice: procedimental e ontológico, que por uma lado, propõe procedimentos de pesquisa indo ao encontro das narrativas, e por outro, valoriza as vozes e possibilita o reconhecimento das dimensões humanas, do ser em todos os sentidos.

A QUESTÃO DO MÉTODO NA PESQUISA SOCIAL

353

As questões de fundamentação de método científico nas pesquisas acompanham a história da ciência, sendo esta uma pedra de toque passando desde Roger Bacon, advogando em prol da experimentação como mediadora do conhecimento, inaugurando as idéias embrionárias do empirismo, a Francis Bacon que na mesma linha, defendia a adoção de critério metodológico para construção do conhecimento e domínio da natureza na escola indutiva, tendo em René Descartes com sua obra o Discurso do método, o precursor dos fundamentos do método científico, que já relativizava o método científico como mero caminho ao conhecimento, sinalizando além disso, o dever do experimentador de questionamento dos sentidos da experiência, evidenciando a dedução, que mantinha no determinismo mecanicista a sua marca (Bachelard, 1996).

As observações experimentais não se detiveram apenas em áreas exatas, mas com o aprimoramento da observação humana, essas inevitavelmente se instaram nas Ciências Sociais, o que foi capturado por Auguste Comte, onde percebeu que era possível a compreensão da amplitude do método de Descartes, organizando os conhecimentos naturais e classificando os fenômenos, inclusive compartimentando as



diferentes ciências, o que colimou na extensão do método preeminente das Ciências Naturais para abranger as Ciências Sociais e Humanas (Kuhn, 1975).

O estatuto do método nas ciências sociais e humanas é bem discutido, visto que não se trata da busca da verdade absoluta, de um positivismo determinista, mas de capturar possibilidades de leitura da realidade, que é sempre dinâmica, não se aprisiona em uma única leitura, daí a razão pela qual os métodos aplicáveis no âmbito das Ciências Naturais não serem o mais adequados a Ciências Sociais e Humanas, visto os embates internos e externos na natureza de cada uma das Ciências (Feyerabend, 2011, p.40):

(...) a idéia de um método que contenha princípios firmes, imutáveis e absolutamente obrigatórios para conduzir os negócios da ciência depara com considerável dificuldade quando confrontada com os resultados da pesquisa histórica(...) não há uma única regra, ainda que plausível e solidariamente fundada na epistemologia, que não seja violada em nenhum momento(...)

Mesmo com a construção teórica de Comte, e o aprimoramento por Durkheim e abrangência do método científico às Ciências Sociais e Humanas, a aproximação do homem no campo da ciência como sujeito de estudo é movimento que comporta tensões até os dias atuais, pela contenda que algumas correntes debatem quanto a possibilidade das Ciências Humanas e Sociais ser de fato uma Ciência, fundamentando os argumentos na ausência da objetividade que carrega as Ciências Naturais (Santos, 2008).

O que não se refuta no entremeio aos debates é a arte da argumentação, que invariavelmente é componente da doutrinação e do processo de conhecimento e também formação de uma Hegemonia Científica, a prática Aristotélica demonstra que, embora tão criticada pela ausência de fundamento, apresenta-se como uma lógica aplicada e aceita (ainda que o fundamento seja desprovido de fundamento) no âmbito dos debates entre as Ciências Naturais e Humanas.

Portanto, temos na hipótese, no que tange aos embates das escolas racionalistas radicais positivista, a argumentação (sem fundamentação plausível) quando se trata da discussão do enquadramento das Ciências Humanas e Sociais serem ou não campo da Ciência, gerando embates que se encontram nas tensões entre uma nova força lógica e o efeito material do argumento (Feyerabend, 2011).



Quando por exemplo se sustenta que a Ciência Humana e Social não é Ciência por ausência de objetividade, uma análise mais acurada pode nos dá conta de que é a arte da argumentação que pretende se fazer válida, sem contudo trazer a baila um fundamento de validade plausível; ora a suposta ausência de objetividade da Ciência Humana e Social não pode ser concebida como fundamento válido para invalidar seu critério Científico. O critério objetivo tão propalado como ausente reside na própria subjetividade das pesquisas sociais, ou seja, comporta hipótese *de objetividade relativa*, o que não significa a inexistência de critérios objetivos firmes, capazes de sustentar a validade das pesquisas sociais (Portocarrero, 1994).

Epistemologicamente falando, objetividade relativa porque a objetividade dos enunciados são passíveis de serem intersubjetivamente submetido à teste, gerando uma dialética entre outros enunciados dedutivos criados que também podem ser submetidos a teste para verificação de sua sustentabilidade (Popper, 1975).

A questão do método na Pesquisa social, não pode ser cotejada como os elementos da Ciência Natural, até porque, trata-se de objetos e questões de natureza distinta, no entanto, algumas questões presentes no âmbito da Ciência Natural também podem estar presentes no campo das Ciências Humanas e Sociais, até porque, não se pode olvidar que a produção do conhecimento e de suas relações na seara da Ciência Natural é cotejada e está inserida na ambiência da Ciência Humana e Social, na perspectiva da sociabilização científica interdisciplinar, e isso se evidencia no Brasil desde a última década, com os projetos tentam aproximar a ciência do conhecimento comum, estimulando relações e aprendizados (Minayo, 1993).

No entanto, a concepção de idéias “desviantes” ou revolucionárias, aquelas que contrariam a ordem estabelecida pela hegemonia científica, depara-se sempre com um público nada receptivo, o que por vezes se demonstra entrave significativo ao pensamento, desvelando-se como um gérmen compreendido assim em longo prazo (Medawar, 2008).

É inegável que as discussões acerca de que objeto de pesquisa atravessa o campo da linguagem, estabelecendo-se aqui a correlação entre narrativas e as convenções culturais de argumentação, assim que *um objeto só é um objeto sob condição de ser determinado objeto descritível, comunicável em uma linguagem, ou seja falar de*



objetos é decidir sobre uma relação de equivalência entre “aquilo de que se fala” (Fourez, 1995, p. 48).

A pesquisa social carece do estabelecimento de uma relação humanizada do pesquisador com seu estudo, de forma que seja impessoal, mas não insensível, que seja técnico mas que compreenda que tudo na pesquisa apresenta relevância, talvez no fato mais desprezioso possa estar a compreensão para o que está evidenciado sem pretensão representativa, o silêncio fala alguma coisa, as contradições encontram consenso em algum ponto ou na própria contradição, a frustração na hipótese de pesquisa pode trazer significados, remetendo a outras hipóteses que nem mesmo o pesquisador havia pensado.

O preparo para essas possibilidades é um exercício que demanda a busca e o encontro do tom vital da pesquisa, da essência capaz de estabelecer diálogos com o pesquisador e a realidade social a ser desvelada, elemento que pode estar no sujeito/questão da pesquisa nas redes e comunidades ou no próprio pesquisador quando coteja seu arcabouço de conhecimento para com a experiência social investigada, encaminhar a pesquisa, elementos esses a serem trabalhados, daí a importância da integração pragmática que o pesquisador elege, e da História Oral como instituto matizado de grande relevância na pesquisa, tanto para o encontro das narrativas, que não se atém a mera entrevista, como para a compreensão e leitura da realidade, quiçá para na construção humanística.

356

HISTÓRIA ORAL COMUNITÁRIA: CARÁTER PROCEDIMENTAL PRAGMÁTICO AO ENCONTRO DAS NARRATIVAS

A escolha do procedimento metodológico para a construção de um projeto que necessite da voz e fala de indivíduos, é questão séria isto porque se considerarmos que o observador acaba por interagir no espaço que ocupa pelo simples ato de observar, a escolha de procedimento metodológico emerge assim como tarefa mais delicada, notadamente quando se trata de ouvir pessoas, e não simplesmente escutar a escuta implica em ação mecânica, entrevistas superficiais, tabulação dados (rasos), o que



acarreta na produção de trabalhos duros, que não guardam um escopo transformador, quiçá colaborador para a comunidade estudada.

A objetividade ainda que compreendida como relativa da pesquisa social utilizando a história oral como suporte metodológico, encontra fundamento nas narrativas e no arcabouço cultural em que as mesmas encontram-se inseridas, portanto, o mundo se torna compreendido e materializado objetivamente no entremeio das comunicações culturais, possibilitando a construção social da realidade, que organiza o mundo e se inserem os objetos, aqui compreendido como mediado pelas narrativas, onde o mundo se organiza em função da sociedade (Fourez, 1995).

Essa rede social tem a inserção do “eu”, é essa inserção que mediará a comunicação das visões individuais aos outros, sem isso, tudo se torna um apontamento subjetivo, *é por isso que a objetividade não pode se separar das características sociais da prova, que descrevem maravilhosamente todos os meandros, por vezes surpreendentes, do estabelecimento de um “fato” científico* (Bachelard, 1996, p. 16).

A partir da análise das narrativas de uma comunidade, como por exemplo uma comunidade de habitações modestas, as relações de afeto certamente determinarão a adesão a pesquisa, possibilitando que alguns envolvimento sejam emergidos naturalmente entre outros elementos que permeiam a relação, a convivência da vida comunitária e suas experiências pode possibilitar o reconhecimento social das questões emergentes, como discorre Meihy (2011, p. 54):

(...) a história oral de comunidade atende a anseios muitas vezes menos expressivos em termos de reflexão historiográfica. Com a nítida intenção de valorizar a experiência de segmentos, a “comemoração”, o “saudosismo”, a “celebração” ou a “nostalgia” compõem critérios narrativos expressos nas entrevistas. Assim, a história oral de vida familiar, de instituições de lazer como escolas de samba, trios elétricos, associações teatrais, e tantas outras, ganham foros de possibilidade. Nesse sentido, entidades de caráter social como educandários, prisões, hospitais, casas de recuperação – enfim, centros que trabalham com situações de caráter assistencial ou filantrópico – acabam por integrar tais possibilidades. (...)

O encontro no campo em busca das narrativas dos colaboradores, não é tarefa que comporte simples entrevista, demanda preparo e percepção de vários elementos inclusive do próprio campo em si, e a compreensão de que o cenário de pesquisa é



mobilizado e tem sua própria narrativa implícita em signos os quais precisam ser decifrados, e por isso sujeito a mudanças significativas as quais podem impactar diretamente na pesquisa a ponto até mesmo de afastar definitivamente o pesquisador.

A atenção a permissividade do campo é importante para consecução da pesquisa, por exemplo, a história oral desenvolvida em comunidades carentes encontra um cenário fragilizado pela volatilidade dos elementos que norteiam o espaço, e, se em um dado momento o cenário comunitário se mostra acolhedor, as intempéries da violência, por exemplo, podem ser de tal monta que afaste qualquer possibilidade de deslinde da pesquisa no local, fator que se revela como um dado que deve ser analisado, demandando uma re-configuração da abordagem de pesquisa e eleição de outro cenário viável.

No entanto, em campos comunitários onde se demonstre a abertura para pesquisa, como no samba, no teatro, na escola, nas associações, ou em comunidades habitacionais mais acessíveis, as narrativas, que nortearão a construção da história oral daquele grupo comunitário comportará padrões narrativos diversos, correlatos com as experiências de cada pessoal, e até mesmo fragmentos narrativos e narrativas recortadas, as quais merecerão encadeamento pelo pesquisador.

Nesse escopo, a história oral se apresenta como instituto de tamanha envergadura, que além de suporte procedimental metodológico de uma objetividade relativa, fornece a possibilidade de uma leitura da realidade capaz elevar o reconhecimento de questões deixadas até então ao espreque de compreensões fragmentadoras constantes do próprio homem, que passa a não mais se reconhecer como agente de transformação social e titular de sua própria história, emergindo assim o caráter ontológico da História Oral, devolvendo ao indivíduo sua própria história, permitindo não só o reconhecimento de sua identidade social, sobretudo pessoal consolidando o processo de significação do outro.

PARA UM MÉTODO FENOMENOLÓGICO DE ACOLHIMENTO E COMPREENSÃO HUMANÍSTICA-SOCIAL



A racionalidade científica atravessa o crivo do tempo tão mobilizado quanto a sociedade, onde se manifesta revestida de axiomas diversos, e até mesmo de sistemas que romperam com a causalidade da busca pela certeza, dando lugar ao dedutivo com seus princípios, leis, eventos evidenciados que exprimem possibilidades conceituais.

Se existe uma utilidade científica que acompanha as mudanças e anseios sociais, o liberalismo consolida a síntese da digressão, uma vez que permeia todas as áreas na formação da democracia libertária, inferindo também na ciência e em seus métodos, aportada em novas necessidades sociais colocadas, as quais convocavam a aproximação do homem e seu meio como expressão da realidade (Prigogine, 1996).

Não se pode olvidar, entretanto que essas diversidades fornecem contornos sociais e inferências no campo científico gerando tensões entre saber e o poder, deslocando a questão da ciência para o saber como categoria metodológica, que portanto, concebe a relação entre verdadeiro/falso, como produção do poder, ou seja, se a “verdade” é produzida pelo poder, ela só pode ser pensada dentro dessa relação: a ciência produz “verdades” como forma de poder (Foucault, 1999).

359

Novas formas de pensar a metodologia podem ser concebidas como proposta de projeto contra-hegemônico, em confronto com o racionalismo radical científico, visto que onde há relação de poder (pretensão), haverá também uma resistência (pretensão resistida), assim que mecanismos técnicos relacionados a produção do saber encontra no poder de cada área específica uma pretensão hermética, que só dialoga no campo em si, o que não permite que esse saber possa permear o tecido da realidade social, uma vez que a consecução deste diálogo demanda a conjugação de falas de diversas áreas do conhecimento, não só como viés metodológico como para a compreensão humana e suas relações (Japiassu, 1976).

Alinhar um método quando o assunto em voga é a análise humana e social, não é tarefa fácil, por inúmeras razões desde aquelas preponderantemente de ordem técnica e metodológica à outras que orbitam no campo social de inserção humana, mas a que nos chama mais atenção, é o distanciamento entre os elementos humanos e metodológicos.

Estabelecer uma linha de diálogo que consiga não só manter a proximidade entre o homem e o método, considerando as sínteses de múltiplas determinações de uma



realidade socialmente multifacetada e que comporta diversidade de interpretações, que possam transcender a uma aproximação do real e não da verdade absoluta, mas da possibilidade de construção cognitiva dialógica, um método que possa assegurar uma objetividade ainda que relativa, e por outro lado possa garantir a integridade dos sentidos das narrativas, preservando sua leitura e sua possibilidade transformadora, é tarefa para um método de acolhimento e compreensão humanística-social das relações e inter-relações firmadas (Husserl, 2006)

É através do acolhimento que as narrativas podem conduzir a “essência” da síntese do sentido do “ser” captado na consciência e portanto esboçado na fala, o que poderá desvelar em parte a composição e formação do construto humano, seu princípio formativo na própria pessoa e sua reverberação social com o ambiente cultural (Feldman, 2001), possibilitando a proposição de um modelo metodológico segundo qual *a observação seja uma construção social relativa a uma cultura e seus projetos* (Fourez, 1995, p. 49)

A observação das narrativas constrói o sujeito e permeará a construção dele mesmo, porque reflete seu arcabouço cognitivo e cultural, onde a análise das narrativas possibilita o confronto com a realidade, tornando o discurso legítimo a ponto de ser reconhecido e reverberado como fala do grupo colaborador, o que nos fornece a leitura social de uma realidade determinada.

O acolhimento das narrativas viabiliza a compreensão das experiências, das práticas e conhecimentos delineando um referencial metodológico pragmático voltado ao significado das experiências humanas, tanto no cenário das relações sociais, como no processo de produção do conhecimento do pesquisador e do colaborador, valorizando a atuação do narrador através de sua narrativa. Essa valorização tem como fundamento as narrativas e as construções sociais das memórias do colaborador, as quais comportam o viés individual e coletivo, modelada pela família, e produzida no esteio das relações sociais (Halbwachs, 1990).

CONCLUSÃO



As pesquisas, no âmbito das Ciências Sociais e Humanas encontram debates que vem se moldando secularmente, com algumas contribuições. Na tentativa de conferir uma objetividade subjetiva, propomos a reflexão acerca da História Oral comunitária como procedimento e método ontológico que encontra nas narrativas um princípio epistemológico de valorização identitário, seja Social (quando a contribuição narrativa repercute na comunidade ampliada) ou individual (emocional) quando a narrativa possibilita desvelar o “eu” em suas relações próximas, mantendo seu caráter dúplice tanto quanto a possibilidade de delinear procedimentos, como no reconhecimento das dimensões humanas.

A história oral não pode ser concebida apenas com o fim de documentar e formar arquivos de bancos de narrativas, mas para, além disso, além de procedimento, se presta a nortear reflexões que tomem como ponto de partida as falas e as relações sociais produzidas e apreendidas no curso do trabalho com a história oral.

A compreensão é elemento nodal no deslinde da pesquisa, tanto porque instrumentaliza o aprendizado ao pesquisador dos sentidos das narrativas, como ainda emerge elementos em disputa ou negociáveis para o grupo social, retornando ao colaborador sua narrativa, elevando-a na construção social, seja convocando novas práticas e (re)conhecimentos, seja provocando novos debates, a partir das construções concretas produto dos multinômios estabelecidos no tecido social.

A proposta de aplicação da história oral como fonte principiológica epistemológica, emerge como alternativa de enquadramento à natureza dinâmica do cenário social pesquisado, visto que acompanha a mobilização do “homem” e sua valorização social, a partir do momento em que considera suas narrativas como propostas de encadeamento social da realidade, não mais pela busca incessante da verdade absoluta, mas por conhecimentos que tendem e comportam mudanças sempre, estimulando a possibilidade de transmutação do processo produtivo de construção do conhecimento, abrindo espaço a essa flexibilidade cognitiva, que, como o *homo sapiens* está sempre em “*panegersia*” num despertar universal constante, produzindo, reproduzindo e se auto-produzindo em conhecimentos e práticas sociais intermináveis (Comenius, 1971).

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BACHELARD, G. *A formação do espírito científico: contribuição para psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- CALDAS, A.L. *Oralidade, texto e história para ler história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- COMENIUS, J. A. *Pampaedia – Deliberação universal acerca da reforma das coisas humanas*. Trad.: Joaquim Ferreira Gomes, Lisboa: Comenius, 1971
- FELDMAN, C. *Edith Feldman: Judia, atea e monja*. São Paulo: EDUSC, 2001.
- FEYERABEND, P. *Contra o método*. Trad.: Cesar Augusto Mortari. 2ª ed. São Paulo: Unesp, 2011, p. 40
- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUREZ, G. *A construção das ciências: introdução à filosofia e ética das ciências*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1995, pp. 48-49.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990
- HUSSERL, E. *A crise da humanidade européia e a filosofia*. Trad.: Pedro S. M. Alves. Centro de Filosofia / Universitas Olisiponensis, Phainomenon: Lisboa, 2006.
- JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976
- KUHN, T. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- LAKATOS, I. *História das ciências e suas reconstruções*. Lisboa: Edições 70, 1978.
- MEDAWAR, P.B. *Os limites da ciência*. Trad.: Antonio Carlos Bandouk. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- MEIHY, J.C.S.B. RIBEIRO, S.L.S. *Guia Prático de História Oral*. São Paulo: Contexto, 2011.
- _____. *História oral, como fazer como pensar*. São Paulo: Contexto, 2014.
- MINAYO, M.C.de Souza (Org.). *Pesquisa Social teoria método e criatividade*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1993.
- POPPER, K. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- PORTOCARRERO, V. *Filosofia, História e Sociologia das Ciências*. Abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz Ed., 1994, pp.43-65.
- PRIGOGINE, I. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- SANTOS, B. *Um discurso sobre as ciências*. 5ª ed. – São Paulo: Cortez, 2008.